

**PERCURSO TEÓRICO DAS
ABORDAGENS EM
GEOGRAFIA CULTURAL**

*THEORETICAL PATH OF
APPROACHES IN CULTURAL
GEOGRAPHY*

*EL CAMINO TEÓRICO DE
LOS ENFOQUES EN
GEOGRAFÍA CULTURAL*

Alex Nunes Silva

Universidade Estadual do Maranhão
(UEMA)
E-mail:

Jucélia Maria Rocha Oliveira

Universidade Estadual do Maranhão
(UEMA)
E-mail:
jucelia_oliveira90@hotmail.com

Resumo:

O presente trabalho discute o contexto histórico da Geografia Cultural, do século XX até os dias atuais. Esse ramo da Geografia vem ganhando importância ao longo dos séculos, contribuindo de modo significativo para o entendimento das relações que os sujeitos desenvolvem com o seu meio, ou seja, o espaço. Para isso, a Geografia Cultural passou por um processo de renovação, deixando de lado uma visão limitada a qual analisava a relação do homem com a paisagem, consolidando-se por meio de um debate mais amplo, em que a cultura é analisada não apenas do ponto de vista material, mas também imaterial. Dessa forma, utiliza-se como metodologia um amplo estudo a partir de referências nacionais e internacionais. Nesse sentido, leva-se em consideração tanto as práticas espaciais materiais, como também as simbólicas, em que as práticas cotidianas dos sujeitos, suas identidades e territorialidades vem ganhando cada vez mais destaque nos estudos e pesquisas da Geografia Cultural.

Palavras-chave: Geografia Cultural, Identidade, Renovação.

Abstract:

The current paper discusses about the historical context of Cultural Geography, from the 20th Century to nowadays. This Geography field is getting importance through the centuries, contributing in a significant way to the knowledge of the relations that a specific group develop with his/her space. For that, Cultural Geography came through a renewal process, leaving aside a limited view in which analysed the relation between man with the landscape, consolidating through an extensive debate, in which the culture is analysed not only through the material view, but also immaterial. Therefore, it is used as methodology a huge study from national to international references. In this way, it is taking into consideration the special and material practices, but also the symbolic view, in which the daily practices of the analysed population, his/her identities and territorialities is getting more and more emphasis in studies and researches in Cultural Geography.

Keywords: Cultural Geography, Identity, Renew.

Resumen:

El presente artículo trata sobre el contexto histórico de la Geografía Cultural, desde el siglo XX al día de hoy. Este campo de la Geografía está cobrando importancia a lo largo de los siglos, contribuyendo de manera significativa al conocimiento de las relaciones que un grupo específico desarrolla con el espacio. Para eso, la Geografía Cultural pasó por un proceso de renovación, dejando de lado una mirada limitada en la que se analizaba la relación del hombre con el paisaje, consolidándose luego de un amplio debate, otra en la que se analiza la cultura no solo a través de la mirada material, sino también inmaterial. Así, se utiliza como metodología un amplio estudio desde referencias nacionales hasta internacionales. De esta manera, se están tomando en consideración, no sólo las prácticas especiales y materiales, sino también la mirada simbólica, en la que las prácticas cotidianas de la población analizada, sus identidades y territorialidades cobran cada vez más protagonismo en los estudios e investigaciones de Geografía Cultural.

Palabras-clave: Geografía Cultural, Identidad, Renovación.

Introdução

É notório o quão a Geografia Cultural tem evoluído ao longo do tempo, ao longo de mais de um século, envolvendo diferentes atores, como grupos religiosos, étnicos, sexuais, nos seus respectivos espaços culturais de pertencimento, tais como santuários, igrejas, guetos, casas noturnas, revelando-se como fundamental para a compreensão da dinâmica que envolve a relação entre esses sujeitos com seus espaços identitários.

As abordagens em Geografia Cultural são datadas há mais de cem anos. Teve como um dos grandes precursores o geógrafo estadunidense Carl Sauer, originário da Escola de Berkeley, na Califórnia, “que também se deixou influenciar profundamente por geógrafos alemães, como Hettner, e pela chamada escola histórico-cultural” (ANDRADE, 2008, p. 124). Já para McDowell (1995), os interesses dos estudos de Sauer consistiam em compreender a maneira como os homens imprimiam suas marcas na paisagem através de suas atividades e seus assentamentos. Contudo, as ideias de Sauer se destacaram até aproximadamente os anos 1960, quando esse campo de estudo – empírico – passou a ser criticado, devido a sua ideia limitada de cultura.

Entre os anos de 1970 e 1980, até os dias atuais, a Geografia Cultural passa por processos de renovação, sabendo, portanto, fazer-se das críticas recebidas. Surgem, daí, novas possibilidades de análises empíricas, bem como amplia-se a abordagem teórica e metodológica. De tal modo, significado e contexto passam a ser compreendidas como palavras-chave de tais estudos, sendo essas as novas roupagens da Geografia Cultural. Destaca-se que, os ares de renovação, serão enfatizados no decorrer deste artigo.

A paisagem deixa de ser a única categoria de análise privilegiada. Território e lugar são categorias que, por ora, passam a ser abordadas no que tange às leituras das múltiplas relações que ligam o homem ao mundo – um mundo afetivo, conflituoso, colaborativo, globalizado – enfim, cultural.

Nesse sentido, este artigo teve como procedimento metodológico a busca por referências nacionais e estrangeiras no que tange os estudos em Geografia Cultural ou áreas correlatas, tais como: Andrade (2008); Berdoulay (2012); Bonnemaïson (2012); Claval (1997, 2003, 2012); Corrêa (2003, 2009); Cosgrove e Jackson (2003, 2009); Crang (1998); Haesbaert (2013); Holzer (2016); Le Bossé (2012); Lowenthal (1961); McDowell (1994, 1995); Rosendahl (2012, 2013); Sauer (2003); Tuan (1983); Wagner e Mikesell (2003). Tais referências foram fundamentais para elaborar um traçado histórico e atual, envolvendo as suas origens, principais pensadores e escolas de pensamento, bem como a partir de uma perspectiva renovada, com abordagens que despontam, principalmente, entre os anos de 1970 e 1980, refletindo ainda sobre como este conhecimento adentra na geografia brasileira, no início dos anos 1980.

Portanto, este texto traz à luz possibilidades teóricas e metodológicas em que geógrafos e não-geógrafos podem utilizar como futuras abordagens empíricas. É ainda de suma importância para àqueles que desejam aprofundar os conhecimentos nesse ramo da Geografia. Ademais, cabe salientar que temas sensíveis, como conflitos de gênero, raça, orientação sexual, dentre outros, estão ganhando cada vez mais maior notoriedade na Geografia Cultural. Cabe aos geógrafos aceitarem mais esse desafio contemporâneo necessário para as comunidades culturais e para o próprio

fortalecimento da Geografia que estuda, engloba e abraça os diferentes sujeitos nos seus espaços de (sobre)vivência.

Sendo assim, o presente trabalho encontra-se organizado em uma primeira parte sobre uma abordagem histórica em Geografia Cultural; na segunda apresenta-se a Geografia Cultural e suas fases e pensamentos e na terceira discute-se a respeito da Geografia Cultural sob uma perspectiva renovada.

Abordagem cultural em geografia: algumas explicações

Os estudos que sistematizaram a Geografia Cultural datam o fim do século XIX e início do século XX. Àquela época, destacava-se a paisagem como elemento espacial cultural de maior interesse por parte das pesquisas. Para Corrêa e Rosendahl (2003), tais estudos tiveram como precursor, no ante 2ª guerra mundial, Carl Sauer, integrante da Escola de Berkeley, que abordava a paisagem pelos seus aspectos naturais e destacava certa centralidade ao homem como agente modelador das formas espaciais.

Sauer (2003) defende a tese de que o geógrafo deveria saber bem definir a matéria que observava. O autor assim menciona: “a Geografia Cultural se interessa, portanto, pelas obras humanas que se inscrevem na superfície terrestre e imprimem uma expressão característica” (SAUER, 2003, p. 22).

A visão de Geografia Cultural, empregada por Sauer, ajuda assim a compreender, inicialmente, os rumos conceituais desenhados a partir de então neste campo de pesquisas geográficas. A teoria de Sauer valoriza “a observação direta de campo baseada na técnica de análise morfológica desenvolvida em primeiro lugar na Geografia Física” (SAUER, 2003, p. 25). Nesta empreitada, o homem,

considerado um agente geomorfológico racional, ainda era pouco interpretado acerca dos simbolismos de suas ações.

É assim, por meio desse caráter naturalista dado à paisagem, que Sauer analisa a ação cultural humana, a partir das formas geográficas como o homem, variavelmente, tira proveito da terra. Para o referido autor, “a Geografia Cultural implica, portanto, um programa que está integrado com o objetivo geral da Geografia, isto é, um entendimento da diferenciação da Terra em áreas” (SAUER, 2003, p. 25). Esquemáticamente, segundo as ideias sauerianas, a paisagem natural é transformada pelo trabalho humano e passa a ser entendida como paisagem cultural, sendo esta última uma forma simbólica espacial, denunciadora de parte da identidade dos homens, que lhes deram vida e magnitude geográfica.

Conforme apontam Rosendahl e Corrêa (2013), a Geografia Cultural, ao longo desses mais de cem anos de contribuição ao exame geográfico, apresentou dois caminhos destacáveis do ponto de vista teórico-metodológico: o primeiro diz respeito ao que se chama de Geografia Cultural tradicional, um campo que transparece as noções ventiladas pela Escola Berkeley, de relevante tradição saueriana; o segundo, reconhecido como nova Geografia Cultural, em que, a partir da década de 1970, foram introduzidas novas abordagens e temas, inovadores para a época.

A saber, dentre essas duas fases, a Geografia Cultural acabou representando certa fragilidade teórica. Para Corrêa e Rosendahl (2003), no pós-Segunda Guerra Mundial, as transformações vividas pelo mundo nas esferas social e cultural requeriam muitas respostas dos cientistas. Na Geografia Cultural, assim como em outras ciências, um reexame das bases de ideias foi

necessário não só para revitalização das pesquisas afins, como também representou sua manutenção no seio científico-geográfico. O novo momento exigia aproximação com outros campos de estudo da Geografia, bem como com outras ciências sociais.

Neste contexto, Corrêa e Rosendahl (2003) apontam que a antologia *Readings in Cultural Geography*, lançada em 1962 pelos autores Wagner e Mikesell, dá uma espécie de sobrevida à Geografia Cultural. Na obra, cinco temas são privilegiados: cultura, paisagem cultural, áreas culturais, história da cultura e ecologia cultural. Desdobrados desses temas, Corrêa e Rosendahl destacam ainda:

Estudos sobre limites, contatos e mudanças culturais, difusão espacial, migrações, língua, religião, dieta alimentar, gênero de vida, nome dos lugares, tipos de casas, *habitat* rural, domesticação de plantas e animais, sistemas agrícolas, regiões agrícolas, diversidade e unidade regional e impactos ambientais devido à ação humana (CORRÊA; ROSENDAHL, 2003, p.10-11).

De fato, com o processo de evolução conceitual, as bases tradicionais da Geografia Cultural passam a ser criticadas. Para Corrêa e Rosendahl (2003), as críticas se acentuam como o falecimento de Carl Sauer. Desse modo, a Geografia Cultural é questionada pela ausência de abordagens críticas e por não priorizar questões relacionadas às dinâmicas econômicas e sociais de ambientes urbanos.

Segundo os críticos, a Geografia Cultural deveria responder às inquietações do *novo mundo*, devendo assim, se desprender das análises exclusivas que faziam de espaços rurais, no qual “os estudos focalizavam espacialmente sociedades tradicionais, pouco

reportando-se às sociedades urbano-industriais” (CORRÊA; ROSENDAHL, 2003, p. 10).

Outra forte crítica residia no fato de que a perspectiva de Sauer entendia a cultura como uma força além do homem. Nesse sentido:

A cultura era, assim, concebida como algo exterior aos indivíduos de um dado grupo social; sua internalização se faz por mecanismo de condicionamento, gerador de hábitos, entendidos como cultura (CORRÊA; ROSENDAHL, 2003, p.11).

Cosgrove e Jackson (2003) citam que a “nova” Geografia Cultural se debruça em compreender fatos históricos e contemporâneos contextualizados e respaldados na teoria, sendo, portanto, propostos novos olhares sobre a empiria. O entendimento que se passa a ter a respeito da paisagem parece lhe atribuir alma. A forma dá margem à leitura dos significados. O mundo pesquisado, para os referidos, é:

Contemporânea e histórica [...]; social e espacial [...]; urbano e rural; atenta à natureza contingente da cultura, às ideologias dominantes e às formas de resistência. Para essa “nova” Geografia a cultura não é uma categoria residual, mas o meio pelo qual a mudança social é experienciada, contestada e construída (COSGROVE; JACKSON, 2003, p. 136).

Cumprе salientar que, para tanto, a Geografia Cultural sofre influência da fenomenologia e do materialismo cultural. Raymond Williams é um dos nomes notáveis em termos dessa influência. As humanidades e a Geografia Social também contribuíram efetivamente neste cenário. Tais contribuições levam o

geógrafo cultural a ter um olhar mais crítico, no que diz respeito a temáticas envolvendo aspectos de resistência ou hegemonia de determinados agentes espaciais pelo poder simbólico ou material de dado território.

Chega-se, com efeito, a um momento no qual a “a cultura pode sempre ser representada como uma construção social e politicamente contestada” (COSGROVE; JACKSON, 2003, p.142). A Geografia Cultural se revela como plural, crítica, e com muito a desenvolver em termos de pesquisa.

Nesse sentido, McDowell (1995) nos lembra de que definir o termo cultura não é tarefa fácil dada a sua complexidade. Cultura não é algo homogêneo, é algo inerente aos indivíduos e a cada grupo social que estabelece seus modos de vida, suas visões de mundo e, assim, fazem a vida acontecer. Se é a cultura algo inerente, certamente pode haver situações de conflito entre as *verdades* dadas pelos indivíduos e grupos, sobretudo pela falta de habilidade em reconhecer determinados comportamentos enquanto representações do outro.

Como a cultura está relacionada com a noção de poder, McDowell (1995, p.161) afirma que “determinados grupos na sociedade tentam impor sua definição de cultura e outros grupos a contestam”. Numa tentativa de conceituação de cultura, a autora em tela assim se coloca, ela é:

Um conjunto de ideias, hábitos e crenças que dá forma às ações das pessoas e à sua produção de artefatos materiais, incluindo a paisagem e o ambiente construído. A cultura é socialmente definida e socialmente determinada. Ideias culturais são expressas nas vidas de grupos sociais que articulam, expressam e contestam esses

conjuntos de ideias e valores, que são eles próprios específicos no tempo e no espaço (MCDOWELL, 1995, p. 161).

Por sua vez, Cosgrove (2003) defende que o termo cultura é amplo, não podendo ser reduzido a um único significado. Contudo, para o referido autor, o termo é empregado para caracterizar aspectos do *ser social* relacionados ao trabalho e à consciência, ou seja, aquilo que move o *eu* enquanto ser, alguém detentor de uma ou várias identidades.

O conceito de cultura em Geografia tem como origem a antropologia. Como afirma Ziegenfus e Le Bossé (2012, p. 114), Sauer e seus discípulos tinham como inspiração “*a sister social science – anthropology*”¹. Desse modo, conforme prosseguem os autores, “*Sauer’s approach was to study the landscape to understand how humans had modified the natural setting to suit their needs*”².

A relação entre cultura e a Geografia, “está assentada em uma base geográfica” (WAGNER; MIKESELL, 2003, p. 29). É nessa base geográfica, delimitada, que os agentes espaciais ocupam, vivem, trabalham, atribuindo significado a partir dos símbolos (i)materiais da comunicação, transformando o espaço pelas técnicas adquiridas ao longo do tempo.

Para Bonnemaïson (2012), a cultura se define como uma representação simbólica do real, uma *visão de mundo*, que se dá através da relação entre o homem com o espaço. Já para Berdoulay (2012), a imbricação entre o espaço e a cultura ocorre uma vez

¹ Uma ciência irmã – antropologia (Tradução do original).

² O alcance de Sauer era estudar a paisagem para entender como os humanos tinham modificado o ambiente natural para satisfazer as necessidades deles (Tradução do original).

mediada pelos grupos culturais que imprimem no espaço conformações de paisagens e de territórios que caracterizam os seres que eles são.

Claval (1997, p. 96) menciona que a cultura “resulta de um processo de construção sem fim, levado a cabo pelos indivíduos”. Para o referido autor, é através da acumulação de *know how*, isto é, de todos os saberes, práticas, hábitos, habilidades, dentre outros conhecimentos, adquiridos ao longo da vida, amparado por aqueles que cercam e fazem o indivíduo, que o homem aprende a se comunicar, a interagir, a ter e a se fazer experiência de vida.

Cultura também é resistência. Os agentes espaciais que se opõem a uma ideia de cultura centralizada, unilateral, podem criar mecanismos para resistir e propor outros modos de compreender o mundo – discorre-se sobre as chamadas *subculturas*. Tais subculturas são fortemente carregadas de símbolos, representando assim a própria identidade sociocultural, atribuindo valor e significado às suas existências.

Ratificando: tais subculturas se revelam nos grupos ou indivíduos que não se identificam com os modelos dominantes de manutenção da sociedade. Ademais, as subculturas também podem ser observadas mediante posicionamentos extremistas e de ordens similares. Um dos casos emblemáticos diz respeito à contrariedade de determinada parcela da população mundial frente aos ideários ocidentais de vida.

Retornando a discussão para a Escola de Berkeley, é válido destacar novamente que o conceito de cultura foi tema de intenso debate naquele seio intelectual. Corrêa (2009) declara que tal efervescência se dava por conta da visão abrangente que se tinha

sobre cultura. *Cultura era tudo e parecia não ser nada*, tinha caráter de uma entidade supraorgânica.

No tocante a Geografia Cultural renovada, o conceito de cultura é apresentado de modo mais refinado, abrangendo os significados espaciais criados pela imaginação criativa do homem. Daí então, Cosgrove e Jackson (2003) fazem reconhecer a paisagem e o lugar como instâncias significativas para a problematização da cultura nos estudos geográficos, atribuindo ao mundo material aspectos poderosos do mundo simbólico.

Nesse sentido, o lugar revela uma “amplitude da experiência ou conhecimento. A experiência pode ser direta e íntima, ou pode ser indireta e conceitual, mediada por símbolos”, [...] em que “uma pessoa pode conhecer um lugar tanto do modo íntimo como conceitual” (TUAN, 1983, p. 6-7).

Além da paisagem e do lugar, o território também é mais uma categoria de abordagem para a cultura em Geografia:

Território que pode ser percebido em suas múltiplas perspectivas, desde aquela de uma paisagem como espaço cotidiano, “vivido”, que “simboliza” uma comunidade, até um recorte geográfico mais amplo, e, em tese, mais abstrato, como o do Estado-nação (HAESBAERT, 2013, p. 238).

Desse modo, ainda de acordo com o autor supracitado, o território é visto como um referencial concreto, em que os símbolos (i)materiais se fixam, criando assim uma identidade territorial.

Há ainda o aspecto da difusão da cultura por meio do território, conforme Wagner e Mikesell (2003) mencionam. Quando

os agentes espaciais se deslocam, levam consigo seus saberes, seus costumes, formando assim novos territórios culturais.

Geografia cultural: abordagens iniciais

A Geografia Cultural como escola de pensamento surgiu no início do século XX, em 1925, a partir dos estudos de Carl Sauer, na Escola de Berkeley, Califórnia, tendo como foco o estudo da paisagem e sua modificação pelo homem.

Apesar da importância da contribuição da Escola de Berkeley, legítima até os dias atuais, as críticas ao Sauer foram inúmeras. O conceito de cultura respondia pelas críticas mais ferrenhas, bem como se questionava bastante porque a Geografia Cultural não tratava de espaços e paisagens consideradas *modernas* do ponto de vista metodológico. Com a obra de Wagner e Miksell, lançada em 1962, este campo do conhecimento geográfico ganha ares de renovação.

É importante ressaltar que, antes da Escola de Berkeley, a cultura era trabalhada pelas principais escolas de pensamento, merecendo alusão nesse trabalho. Dentre as escolas de pensamento, destacam-se a alemã, a francesa e a norte-americana. Foi na Alemanha onde os estudos em Geografia começaram a se institucionalizar.

Dentre eles, Ratzel, um naturalista, lecionou Geografia em universidades alemãs. O destaque nos estudos desta escola era a paisagem, em que se “estuda a presença de traços culturais [...], o recuo da floresta e de outras formações naturais diante do machado

dos cultivadores e das queimadas repetitivas dos criadores de gado” (CLAVAL, 1997, p. 91-92).

Ratzel também é o criador do tempo *Antropogeografia*, oriundo dos seus estudos desenvolvidos nos Estados Unidos que resultaram na sua tese de doutoramento, a respeito da migração de chineses ao estado norte-americano da Califórnia. Para Ziegenfus e Le Bossé (2012, p. 113), a *antropogeografia* “describe his studies of human societies, their distribution on the planet, and their relationships with the physical world”³.

Ressaltamos que a escola francesa possui uma maior proximidade com os estudos culturais, também contribuindo significativamente para o desenvolvimento da abordagem cultural em Geografia no início do século XX.

A abordagem cultural em Geografia leva em consideração um conjunto de elementos que são trabalhados pela cultura. Claval (2003, p. 163) os menciona: “gestos, práticas, comportamentos, técnicas, *know how*, conhecimentos, regras, normas e valores herdados dos pais e da vizinhança, e adaptados através da experiência a realidade sempre mutáveis”. A partir da internalização e reprodução desses elementos pelos agentes espaciais, que ocorre ao longo da vida, através do aprendizado e da observação, o indivíduo passa a atribuir sentido à sua vida e à relação com o ambiente no qual está inserido. O existir é fruto das experiências passadas e dos “horizontes futuros” (CLAVAL, 2003, p. 163).

Dentre os pensadores da escola francesa, mencionamos Vidal de La Blache e Deffontaines. Para Claval (2003, p. 149), na

³ Descreve os estudos dele das sociedades humanas, as suas distribuições no planeta e as suas relações com o mundo físico (Tradução do original).

visão de La Blache, “a Geografia devia analisar e explicar as relações entre os grupos humanos e o meio ambiente onde moravam”, o que, necessariamente implicaria na consideração dos elementos culturais.

Ainda segundo Claval (2003, p. 149), “Vidal de La Blache nunca falou de cultura, mas a ideia de cultura tinha um lugar central na sua concepção da disciplina”. Nesse sentido, Claval (2003) afirma que o gênero de vida, isto é, as formas como o homem se adapta ao meio, através de técnicas, deu um tom cultural aos estudos de La Blache, ao se compreender o modo como se dá a relação entre a sociedade e o meio ambiente.

Outro pensador francês de destaque é Pierre Deffontaines. Para Claval (2003, p. 153), Deffontaines tinha “um grande interesse pelo folclore e pela etnografia rural das regiões e países onde morou e trabalhou”. Dentre os países em que Deffontaines viveu, foi o Brasil. Claval (2012, p. 12) menciona que “a Geografia praticada por Pierre Deffontaines é cultural. Os artigos que ele redige na época de sua estadia no Brasil demonstram isso. Deffontaines questiona, por exemplo, a origem das cidades brasileiras”, envolvendo questões relacionadas à paisagem e cultura.

A escola norte-americana sofreu influência direta da escola alemã, tendo como maior pensador Carl Sauer, tendo grande influência no início do século XX. Para Sauer (2003, p. 23) “o desenvolvimento da Geografia Cultural procede necessariamente da reconstrução das sucessivas culturas de uma área, começando pela cultura original e continuando até o presente”.

Entendemos que, para se compreender a cultura de um determinado grupo, seguindo as ideias de Sauer, far-se-ão necessários uma caracterização dos elementos morfológicos do

espaço analisado, pois de acordo com o autor, é na terra onde o homem expressa o seu aproveitamento, seus interesses; é ali onde estão suas marcas que, em determinada época, registrou e fixou a sua passagem e permanência, levando o pesquisador a buscar dados históricos, com o intuito de elaborar uma cronologia para se desvendar “as sucessões de cultura que ocorrem numa área” (SAUER, 2003, p. 25).

Nesse sentido, na visão de Sauer, “a cultura é definida em termos amplos, abrangendo, entre outros, costumes, crenças, hábitos, habilidades, técnicas, leis, artes, linguagem, gestos e moral, mas especificamente as manifestações materiais” (CORRÊA; ROSENDAHL, 2012, p. 8).

De acordo com Zanatta (2017), as abordagens em Geografia Cultural, até a década de 1940, revelavam o escopo limitante sobre as abordagens culturais em Geografia, tendo a paisagem ou à noção de gênero de vida como focos principais, enaltecendo aspectos materiais, tais como técnicas, instrumentos de trabalho, artefatos, dentre outros, não acompanhando à evolução teórica-metodológica que já se manifestava, tendo seu auge a partir da década de 1970.

Em meados da referida década, os *novos* geógrafos culturais passaram a atribuir novas significações a esse campo de estudo, a partir de uma abordagem mais crítica e mais abrangente, indo além do conceito paisagem. Tais aspectos serão aprofundados no tópico seguinte.

Nesse sentido, a Geografia Cultural chega ao Brasil tardiamente, no início dos anos 1990, fase da *nova* Geografia Cultural. Há um consenso entre os geógrafos culturais de que esse campo do conhecimento geográfico demorou a ser reconhecido pela

Geografia brasileira. O modo como era proposto o tratamento empírico, por exemplo, gerava críticas, bem como a visão reduzida da compreensão da paisagem, que acabava por valorizar aspectos naturais e, em muito, apurados a partir de realidades rurais.

Em 1993, a Geografia Cultural brasileira ganha expressividade com a criação do Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Espaço e Cultura – NEPEC, no Departamento de Geografia da UERJ, tendo como grande precursora a Professora Zeny Rosendahl.

Nesse núcleo criou-se o Simpósio Internacional sobre Espaço e Cultura e o periódico Espaço e Cultura, ambos com mais de vinte anos, com o intuito de revelar novas temáticas da cultura na Geografia, além de difundir tal conhecimento por um vasto país e repleto de manifestações espaço-culturais, permitindo, assim, a problematização de várias possibilidades de abordagem.

A geografia cultural sob uma perspectiva renovada

De acordo com Corrêa e Rosendahl (2003), a renovação da Geografia Cultural ocorreu a partir da década de 1970, sendo mais expressivo na década de 1980. McDowell (1994) aponta dois autores responsáveis pela “nova” Geografia Cultural: Raymond Williams e Stuart Hall. Ainda de acordo com a autora, a *nova* fase da Geografia Cultural é dividida em duas teorias: o materialismo cultural e a escola de paisagem.

Seguindo o raciocínio de McDowell (1994), Williams criou a teoria do materialismo cultural. Essa teoria tem como análise a classe trabalhadora das cidades e das indústrias, localizadas em vilas no Reino Unido, entre os anos de 1950 e 1970, tendo como

campo de discussão as relações (ou a falta dela) entre esses agentes espaciais e a cultura do consumo crescente, trazendo à tona o *American way of life*.

A segunda teoria, a escola de paisagem, traz novas abordagens no que diz respeito ao conceito de paisagem. Nesse sentido, para McDowell (1994, p. 161), *“landscapes are not only constructed, they are also perceived through representations of ideal visions in painting and poetry, as well as in scientific discourse and academic writing”*.⁴

É importante destacar a participação de outros autores no processo de renovação da Geografia Cultural. De acordo com Holzer (2016), David Lowenthal é um dos principais nomes no surgimento da Geografia Humanista, na década de 1960. Tal segmento foi de fundamental importância para promover a contraposição ao fortalecimento da Geografia Analítica, unindo, dessa forma, a Geografia Cultural e Histórica, pois, de acordo com o autor supracitado (2016), Lowenthal considerava a Geografia em suas múltiplas diversidades, pela aproximação com o mundo vivido cotidianamente pelos sujeitos, a partir de suas diferentes visões.

Nesse sentido:

Cada imagem e ideia acerca do mundo é composta, então, da experiência pessoal, do aprendizado, da imaginação e da memória. Os lugares em que vivemos, aqueles que visitamos ou percorremos, os mundos sobre os quais lemos ou vemos em trabalhos artísticos, e os domínios da imaginação e da fantasia, contribuem, cada um, para as nossas

⁴ Paisagens não são somente construídas, elas também são percebidas através de representações de visões ideais na pintura e poesia, também como no discurso científico e escrita acadêmica (Tradução do original).

imagens da natureza e do homem (LOWENTHAL, 1961, p. 260).

Ainda de acordo com Holzer (2016), as abordagens de Lowenthal aproximavam-se das de Tuan, em que a memória é um elemento fundamental na compreensão da experiência dos sujeitos, do lugar onde vivem, produzem..., ou seja, fazem a vida acontecer, e a experiência, que “implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência” (TUAN, 1983, p. 10). Assim, “o que começa com espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida em que o conhecemos melhor e o dotamos de valor” (TUAN, 1983, p. 6).

Ademais, autores como Cosgrove e Jackson também contribuíram para formação da *nova* Geografia Cultural. Tomando por referência os referidos autores (2003), os mesmos relatam que a paisagem ganha novos direcionamentos. Novos campos empíricos de análise passam a ser trabalhadas pela Geografia Cultural. Nesse sentido, assim mencionam a respeito da *nova* Geografia Cultural:

Contemporânea e histórica (mas sempre contextualizada e apoiada na teoria); social e espacial (mas não reduzida a aspectos da paisagem definidos de forma restrita); urbana e rural; atenta à natureza contingente da cultura, às ideologias dominantes e às formas de resistência: Para essa “nova” Geografia a cultura não é uma categoria residual, mas o meio pelo qual a mudança social é experienciada, contestada e constituída (COSGROVE; JACKSON, 2003, p. 136).

Ainda de acordo com Cosgrove e Jackson (2003), os estudos em Geografia Cultural, amparado por autores como Hall, Williams, Berger, ganham abordagens com o intuito de resistência: “os trabalhos refletem acerca das várias estratégias de resistência desenvolvidas por grupos subordinados para contestar a hegemonia

daqueles que detém o poder” (COSGROVE; JACKSON, 2003, p. 141). Novos conceitos de análise geográfica também passam a ser trabalhadas pela Geografia Cultural, como lugar e região, ampliando o leque de abordagens culturais.

Desse modo, Crang (1998, p. 60) menciona que “*much recent work in cultural geography has been on the constitution of identities*”⁵. Ainda para o autor, a definição de identidade é uma tarefa difícil, dada a sua complexidade. As pessoas se diferem uma das outras de diversas maneiras, mas o que há em comum entre elas é o que forma os grupos identitários, sendo grupos sociais que lutam pelas suas respectivas causas, como por exemplo, movimentos feministas, negros, LGBTQs, dentre outros. Tais representações podem ser encontradas em obras que trabalham esses tópicos relacionados à Geografia Cultural, como: “Reflexões sobre Geografia e Homoerotismo: Representações e Territorialidades” (COSTA, 2008); “Identidades Territoriais” (HAESBAERT, 2013); “Os santuários como lugares de construção do sagrado e da memória hierofânica: esboço de uma tipologia” (SANTOS, 2012).

Os estudos em Geografia Cultural têm se pautado em abordar questões relacionadas aos aspectos espaciais materiais e simbólicos, fazendo resgatar a noção de geossímbolo proposta por Bonnemaïson (2012), compreendido como um conjunto de elementos (i)materiais que ajudam a reforçar a identidade e o pertencimento a um grupo ou a um lugar em questão.

⁵ Muito dos trabalhos recentes feitos na Geografia Cultural têm sido na constituição de identidades (Tradução do original).

Dentre essas *novas* abordagens em Geografia Cultural – a Geografia da Religião – trabalhado de maneira demasiada pela Prof^a Dr^a Zeny Rosendahl, como observado em Rosendahl (2013):

A religião, na perspectiva da Geografia Cultural, possui como foco os conceitos de sagrado e profano. [...]. Focaliza-os a partir de um tipo particular de hierocracia – o poder do sagrado –, que se manifesta espacialmente por uma organização territorial. Ao reconhecer a instituição religiosa como agente modelar do espaço, torna-se necessário considerar a forma e a intensidade do poder desse agente (ROSENDAHL, 2013, p. 174).

Questões identitárias também se fazem presente nos novos estudos culturais em Geografia. Tais questionamentos são extensos, assim como os campos de estudos empíricos: marchas, paradas, procissões e festas diversas. Geógrafos culturais estão interessados no entendimento da identidade de um grupo, associado ao lugar, ou território que estão inseridos, às suas origens, suas crenças, aos seus saberes e ao que move tais conhecimentos.

Conclusão

Nesse ínterim, para fins de aprofundamento teórico, considerou-se necessário ventilar reflexões alinhadas com a abordagem cultural em Geografia e, para tanto, apresentando um quadro que intencionou mostrar a evolução do campo de estudos em Geografia Cultural, que já conta com mais de um século de contribuição ao conhecimento das práticas espaciais de homens e mulheres. A saber, a cultura demorou a ser compreendida como uma categoria de análise abordada na Geografia. As resistências foram

diversas. Contudo, a cultura estava presente de modo indireto nos estudos de Geografia.

No que tange aos estudos em Geografia Humana, os ditos estudos de Geografia Cultural se expandiram e foram influenciados, sobretudo, pelas escolas norte-americana, alemã e francesa. Nos Estados Unidos, a escola de Berkeley encetou ganhos expressivos a partir do estudo da morfologia da paisagem, creditando ao homem o papel de agente modelador. Os espaços rurais, tidos como *lócus* do tradicional, eram os espaços privilegiados de investigação. Em seu turno, a escola de Berkeley desenrolou os seus investimentos teórico-metodológicos principalmente a partir do século XX, tendo como um dos representantes o geógrafo Carl Sauer.

Dada a limitação das abordagens da referida escola, tal direcionamento teórico-analítico não conseguiu angariar um grande número de geógrafos, fato esse refletido, por exemplo, nos anos de 1950 e 1960, por ser considerada uma ciência demasiadamente empírica e que pouco aprofundava o conceito de cultura. À época, à busca era por uma Geografia de resultados práticos, *imediatos*, afinal, o mundo vivia o pós-segunda guerra mundial, período no qual em que parecia que as respostas rápidas eram extremamente necessárias à reconstrução dos países.

Na década de 1960, com a introdução da obra *Readings in Cultural Geography*, dá-se o início de novas abordagens em Geografia Cultural. Desse modo, nas décadas de 1970 e 1980, novos temas surgem a este campo de estudos, ao que se reconhece um novo momento dado pela “virada cultural”, vivido e debatido em escala global (CORRÊA; ROSENDAHL, 2003).

É a partir da chamada “virada cultural”, com a introdução de novas temáticas à Geografia Cultural, que hoje é possível desenvolver estudos com abordagens plurais em Geografia. Os guetos, as praças, os botecos, dentre outros pontos do meio urbano, são locais nos quais os grupos culturais se reúnem para manifestar seus modos de vida. Diz respeito a centralidades espaciais pelas quais a Geografia Cultural tem se debruçado com mais ênfase, preocupada em revelar as práticas cotidianas que modelam os fixos e fluxos urbanos, as paisagens e os territórios e territorialidades da cidade.

Nesse sentido, o conceito de cultura é vasto e complexo e se desenvolve mediante as críticas ensejadas ao longo do tempo e dos anseios humano-sociais. Assim, cabe ao pesquisador proceder com as escolhas teóricas na condução de suas investigações.

Referências

ANDRADE, M. C. Geografia: Ciência da Sociedade. Recife: Editora UFPE, 2008.

BERDOULAY, V. Espaço e Cultura. IN: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. Olhares Geográficos: modos de ver e viver o espaço. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BONNEMAISON, J. Viagem em torno do território. IN: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. Geografia Cultural: uma antologia. Volume I. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

CLAVAL, P. As abordagens da Geografia Cultural. IN: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. Explorações Geográficas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

_____. A contribuição francesa ao desenvolvimento da abordagem cultural na Geografia. IN: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z.

Introdução à Geografia Cultural. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. A Geografia Cultural no Brasil. IN: BARTHE-DELOIZY, F., and SERPA, A., orgs. Visões do Brasil: Estudos Culturais em Geografia [online]. Salvador: EDUFBA; Edições L'Harmattan, 2012, pp. 11-25. ISBN 978-85-232-1238-4. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/8pk8p/pdf/barthe-9788523212384-02.pdf>. Acesso em 10 de janeiro de 2021.

CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. Geografia Cultural: Introduzindo a temática, os textos e uma agenda. IN: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. Introdução à Geografia Cultural. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CORRÊA, R. L. Sobre a Geografia Cultural. Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, 2009. Disponível em: <http://ihgrgs.org.br/artigos/contibuiacoes/Roberto%20Lobato%20Corr%C3%AAa%20-%20Sobre%20a%20Geografia%20Cultural.pdf>. Acesso em 25 de maio de 2021.

COSGROVE, D. E.; JACKSON, P. Novos rumos da Geografia Cultural. IN: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. Introdução à Geografia Cultural. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

COSGROVE, D. E. Em direção a uma Geografia Cultural Radical: problemas da teoria. IN: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. Introdução à Geografia Cultural. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

COSTA, B. P. Reflexões sobre Geografia e Homoerotismo: Representações e Territorialidades. IN: SERPA, A. Espaços Culturais: Vivências, Imaginações e Representações. Salvador: EDUFBA, 2008.

CRANG, M. Cultural Geography. London and New York: Routledge, 1998.

HAESBAERT, R. Identidades Territoriais. IN: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. Geografia Cultural: uma antologia. Volume II. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

HOLZER, W. A Geografia Humanista: Sua Trajetória 1950-1990. Londrina: EDUEL, 2016.

LOWENTHAL, D. Geography, Experience, and Imagination: Towards a Geographical epistemology. *Annals of the Association of American Geographers*, v.51. n.3, 1961, p.241-60.

McDOWELL, L. The transformation of Cultural Geography. IN: GREGORY, D.; MARTIN, R.; SMITH, G. *Human Geography: Society, Space and Social Science*. London: Palgrave, 1994.

_____. A transformação da Geografia Cultural. IN: GREGORY, D.; MARTIN, R.; SMITH, G. *Geografia Humana: Sociedade, Espaço e Ciência Social*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1995.

ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. *Geografia Cultural: uma antologia*. Volume I. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

_____. *Geografia Cultural: uma antologia*. Volume II. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

ROSENDAHL, Z. Território e Territorialidade: uma proposta geográfica para o estudo da Religião. IN: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. *Geografia Cultural: uma antologia*. Volume II. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

SANTOS, M. G. M. P. Os santuários como lugares de construção do sagrado e da memória hierofânica: esboço de uma tipologia. IN: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. *Geografia Cultural: uma antologia*. Vol. II. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

SAUER, C. O. Geografia Cultural. IN: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. *Introdução à Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

TUAN, YI-FU. *Espaço e Lugar: A perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983.

WAGNER, P. L.; MIKESELL, M. W. Os temas da Geografia Cultural. IN: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R.L. *Introdução à Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

ZANATTA, B. A abordagem cultural na Geografia. Revista Temporis[ação] (ISSN 2317-5516), v. 9, n. 1, p. 224-235, 9 mar. 2017.

ZIEGENFUS, R. C.; LE BOSSÉ, M. Cultural/ Human Geography. IN: STOLTMAN, J. P. 21st Century Geography: a reference handbook. Los Angeles, London, New Delhi, Singapore, Washington: Sage Publications, 2012.

Submetido em: 15 de setembro de 2021.

Devolvido para revisão em: 13 de outubro de 2021.

Aprovado em: 11 de fevereiro de 2022.

Como citar este artigo:

SILVA, A. N.; OLIVEIRA, J. M. R. Percurso teórico das abordagens em Geografia Cultural. **Terra Livre**, v. 1, n. 56, p. 86-111, Jan.-Jun./2021.